

# A presença da mitologia clássica e pensamento filosófico no regresso à Grécia de Sophia M. B. Andresen

---

**Miguel Santos Vieira**

História de filosofia grega e história da literatura | Heythrop College, Universidade de Londres — Londres

miguel.vieira@fcsh.unl.pt

**Resumo:** Mesmo quando não a evoca de forma explícita, a obra de Sophia emana quase sempre da presença da cultura clássica e da sua paixão pela Grécia. Não nos encontramos, contudo, perante uma explicação ou encenação fiel dos mitos, mas sim diante de uma mitologia pessoal em que Sophia recria os mitos à sua maneira, interiorizando os elementos míticos ao serviço de uma ontologia que busca as origens do ser. Procuramos aqui, de forma indicativa, dar expressão à presença do mito e temporalidade como pedras de toque do itinerário poético e filosófico do regresso de Sophia à Grécia.

**Palavras-Chave:** Sophia de Mello Breyner Andresen; Poesia Portuguesa Contemporânea; Mitologia; Filosofia Helénica

**Abstract:** Sophia de Mello Breyner Andresen's work arises first and foremostly from the presence of classical culture and her passion for Greece. We do not find, however, a strict interpretation of the founding myths but a very personal recreation of mythic elements within the poet's quest for the ori-

gins of being. This paper aims to show the poetical and philosophical signposts that overarch Sophia's return to Greece.

**Key Words:** Sophia Mello Breyner Andresen; Portuguese Contemporary Poetry; Mythology; Hellenistic Philosophy

περιλαμβάνει τε αὐτὴν καὶ πρὸς τὸ στέρνον  
προσαγαγὼν καὶ φιλήσας καὶ τὰ ὄμματα καὶ τὰς  
χεῖρας  
[Abraçou-a e apertou-a ao peito, beijou-lhe os olhos  
e as mãos.]  
Diógenes 61. 13, 2.

Mesmo quando não a evoca de forma explícita, a obra de Sophia emana quase sempre da presença da cultura clássica e da sua paixão pela Grécia, pela arte e cultura gregas. Não nos encontramos, contudo, perante uma explicação ou encenação fiel dos mitos, mas sim diante de uma mitologia pessoal em que Sophia recria os mitos à sua maneira, interiorizando os elementos míticos ao serviço de uma ontologia que busca as origens do ser. A este propósito, afirma Frederico Lourenço: “Sophia, inventou uma Grécia própria. Não é a Grécia dos guias turísticos, não é a Grécia dos compêndios de história, filosofia ou literatura. É uma Grécia construída por ela.”<sup>1</sup>

O mundo mitológico figurativo de Sophia não está dominado por nenhuma divindade ou herói mítico em particular e todas as referências mitológicas estão já disseminadas ao longo da sua obra de tal forma que é possível inferir que não existe qualquer unidade temática. Os deuses e heróis míticos são evocados aqui e ali, desde o primeiro livro de poemas selecionados (*Poesia I*, 1944) até à obra mais tardia sobre quiméricas ilhas (*Ilhas*, 1989): Orfeu,

---

1 Lourenço, Frederico, “A Grécia de Sophia” in *Valsas Nobres e Sentimentais*, Lisboa, Cotovia, 2007, p. 107.

Eurídice, Dionysio e Apollo, Odysseu, Narciso, Proteu, Helena de Troia, Endymion, Hydra, Delphos, Asphodelos, Amphora, Níobe, Medeia, as Musas, as Fúrias, as Parcas, as Nereides, e os deuses Cronos, Atena e Artemis. Os deuses gregos perpassam toda a obra de Sophia, descontinuamente, embora a mitológica clássica se torne uma presença obsidiante depois de *Livro Sexto* (1962) – Sophia visitara a Grécia pela primeira vez em 1961 – até ao mais mitológico de todos os livros (*Dual*, 1972).

Em entrevista a António Guerreiro ao *Expresso*, Sophia discorre sobre a importância da cultura grega na sua vida, e sobretudo Homero: “Quando tinha doze anos, encontrei uma tradução da Odisseia do Leconte de Lisle e lembro-me que esse livro tornou-me presente o Verão, o mar, a relação com o mundo que eu queria. Homero, é, para mim, uma referência matriz.”<sup>2</sup>

No seu ensaio intitulado *O Nu na Antiguidade Clássica*, dirá sobre a solenidade de Homero, o que já havia dito 10 anos em 1964 ao receber o Grande Prémio de Poesia da Sociedade de Escritores: “Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas.”<sup>3</sup> Também Homero está presente num artigo póstumo, num conto com o nome do autor, em *Contos Exemplares*. É sobretudo a partir de *Geografia* (1967) que a obra de Sophia inscreve o espaço grego como experiência fundadora, concretizada em múltiplos poemas, actualizando deste modo uma espécie de geografia mítica da

---

2 Andresen, Sophia M. B., Entrevista Entrevista de António Guerreiro in *Expresso*, 15 de julho de 1989.

3 Andresen, Sophia M. B., Palavras ditas em 11 de Julho de 1964 no almoço promovido pela Sociedade Portuguesa de Escritores por ocasião da entrega do Grande Prémio de Poesia atribuído a Livro Sexto in Sophia, *Obra Poética*, edição definitiva, ‘Livro Sexto’, Lisboa, Caminho, 2003, p. 73. Cf. o mesmo sentido n’O Nu na Antiguidade Clássica, Lisboa, Caminho, 1992 (1975), “Uma solenidade nua onde as coisas têm a mesma qualidade radiosa que aparece na poesia de Homero” pp. 21 e 53.

Grécia, restaurando as condições de possibilidade de acesso ao ser em que os gregos concebiam o mundo, oferecendo-os como a pátria reencontrada, o exílio redimido.

Procuramos aqui, de forma indicativa, dar expressão à presença do mito e temporalidade como pedras de toque do itinerário poético e filosófico do regresso de Sophia à Grécia, apesar de a poesia de Sophia parecer, segundo Eduardo Prado Coelho, “paralisar a crítica- deixá-la muda de admiração (...) porque a limpidez desta linguagem dificilmente autoriza a sua duplicação sob a forma de comentário.”<sup>4</sup> O que David Mourão Ferreira chamou “uma rara exigência de essencialidade” é a expressão refinada da sagacidade de Sophia.<sup>5</sup> Cada poema é um processo de depuração textual: nenhuma palavra está a mais, cada verso pode por si só ser um poema. No processo de criação de Sophia, o significante é assimilado num só movimento pelo empenhamento do criador em expungir a subjectividade da experiência e um número invisível (na perspectiva do poeta) de ilusões metafísicas dessa mesma experiência. A obra de Sophia é um exercício de simplicidade sobre as coisas concretas. Não se trata aqui, no entanto de “bater à janela, na minha língua” como disse Maria Gabriela Llansol sobre a tradução, no seu caso, de Rilke.<sup>6</sup>

Numa das suas últimas alocações públicas, no 1º Congresso Internacional sobre Sophia, disse António Tabucchi:

---

4 Coelho, Eduardo Prado, “Sophia: a lírica e a lógica” in Colóquio/Letras, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, nº 57, 1980, p. 20.

5 Ferreira, David Mourão, “Sophia de Mello Breyner Andresen-Na publicação de No Tempo Dividido” in Vinte Poetas Contemporâneos, Lisboa, Ática, 1960, p. 174.

6 Llansol, Maria Gabriela, *Onde Vais, Drama-Poesia?*, Lisboa, Relógio d’Água, 2000, p.24.

Foi Sophia quem se lembrou da Grécia. E na Grécia não só voltou a encontrar os mitos fundadores da cultura ocidental, mas foi aí que reconheceu o Portugal do seu tempo; foi aí que descobriu que o que acontecia ao seu país já acontecera na história da Grécia clássica e que a tragédia e o mito tinham reflectido esses factos. Sophia não foi encontrar na Grécia apenas aquela harmonia estética que é um cunho da sua poesia; Sophia reconheceu na Grécia clássica o seu próprio país, tomou uma consciência ainda maior, se se pode dizer de alguém que possuía uma consciência política extremamente lúcida, da tragédia que o seu povo estava a viver. A Grécia “ensinou-lhe” o Portugal de Creonte, porque Creonte, como Salazar, é a “banalidade do mal”. E Delfos é o lugar onde o mundo tem de ser reconstruído a partir de um centro.<sup>7</sup>

Tabucchi anuncia de forma veemente o princípio que tem em busca a ‘perseguição do real’ que Sophia vai buscar aos mitos gregos e que estão ligados de uma forma ou de outra à Grécia. O que se dirá acerca da navegação, da demanda de ilhas míticas, do desejo de unidade com a natureza e o permanente jogo dos elementos Luz, o Fogo e a Água simbolizada pelos Mares de Navegações, são uma preparação para uma viagem maior de busca de pensabilidade do sentido último, uma viagem filosófica e espiritual, cujo símbolo máximo é Delfos.<sup>8</sup>

---

7 Tabucchi, António, “Na Grécia com Sophia” in *Sophia de Mello Breyner Andresen-Actas do Colóquio Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian, 28 de Janeiro 2011, Porto, Porto Editora, 2014, p. 248.

8 Cf. op. cit., pp. 246-251 e Andresen, Sophia M. B., Sena, Jorge de, *Correspondência 1959-1978*, Lisboa, Guerra & Paz, 2ª edição (com três cartas inéditas), 2006, Carta de Outubro de 1966, “Delphos é o lugar mais espantoso que vi na vida (...) Um lugar onde todos os elementos, luz, som, ar, água, terra tomam uma veemência apaixonada e sagrada. Era em Delphos que se devia fazer um congresso de poetas.”, p. 94. Cf. nesta linha Cantinho, Maria João: “Parece que a poesia de Sophia nasce desse fulgor derradeiro: nomear o ar que se respira, a chuva que

Em tempos remotos da Grécia, Apolo escolheu Delfos, nas abas do Monte Parnaso, porque era o lugar ideal para fundar o seu reino, além de que se acreditava ser ali o centro do mundo, e mais importante do que tudo, esse lugar continha forças mágicas que transferiam para todos os que por lá passavam, dando-lhes virtudes proféticas. Mais tarde, Dioniso juntou-se ali ao irmão mais velho, Apolo. Dioniso é o Deus do arrebatamento e do êxtase e reinava em Delfos por três meses durante o Inverno, na altura em que Apolo estava ausente do Parnaso. Sophia acredita que a sua poesia está possuída por ambos os deuses ou por aquilo que ambos representam. Antes da chegada de Apolo, Delfos estava guardada por uma serpente gigante: a Píton. Apolo lutou contra o monstro, matou-o e tomou posse do oráculo. O nome Pythia deriva de *Pytho*, o qual na mitologia foi o nome original de Delfos. O nome foi derivado do verbo *pythein* (πύθειν), originário da decomposição do corpo da serpente monstro Píton.

O caminho de Delfos aponta para uma viagem de ida e volta. O mito do recomeço presentifica-se sobretudo nas variantes: “ressurgir” e “regressar”, porque a escolha de um tal caminho pressupõe uma garantia de retorno — “Pois por mais longos que sejam os caminhos/Eu regresso” (“Nas praias”, *Coral*). “Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos/E em Delphos centro do mundo” (“Ressurgiremos”, *Livro Sexto*). O caminho de Delfos é esse trilho mítico que conduz ao centro do mundo, cujos atributos estão personificados em Alexandre I da Macedónia, que alcançou grande reputação na Grécia antiga e também se consagrou ao oráculo délfico:

---

nos fustiga o rosto, a frescura da manhã de Verão e tantas outras coisas que irremediavelmente nos evocam a infância. E, talvez, por ser apenas a memória e a poesia o que nos salva do negrume e do ruído frenético dos dias que se escoam, regresso sempre a Sophia com o mesmo amor. Incólume, como o fogo mais puro.” in ‘A Sophia: Homenagem de vários escritores a Sophia de Mello Breyner Andresen organizada pelo PEN clube Português’, Lisboa, Caminho, 2007, p. 79.

A perfeição, a eternidade, a plenitude

E o destino que em nós é caos e luto  
Era em ti verdade e harmonia  
Caminho puro e absoluto”  
(Alexandre da Macedónia, *Dia do Mar*)

Um dos maiores obstáculos que tal caminho esconde é o tempo:

Tempo  
Tempo sem amor e sem demora  
Que de mim me despe pelos caminhos fora  
(“Tempo”, *Livro Sexto*)

A história da obra poética de Sophia inscreve-se, com as devidas ressalvas, na história da Filosofia no sentido Heideggeriano da interpretação do ser como presença num lugar e num tempo que exigem um apuramento constante da sua natureza. Em Carta a Jorge de Sena, Sophia refere:

Sinto-me muito Heideggeriana.(...) Eu sou mais alucinada do que tu: creio que é possível que o nosso ser coincida com os seres. (...) O ser deixou de estar na physis e passou a estar no logos.<sup>9</sup>

Heidegger chamou-nos a atenção para o facto de, desde os pré-socráticos, o ser ter sido sempre determinado como presença, cujo valor ontológico Sophia toma como tema privilegiado da sua poesia desde os primeiros livros, mesmo que não consciente desse valor. Na poesia de Sophia, a Grécia e mitologia grega têm uma função fundamental de unificação e reconhecimen-

---

9 Cf. op.cit., Carta de 18 de Novembro de 1969, p. 105.

to ontológico: “Esta existência desejávamos para nós próprios homens/Por isso repetíamos os gestos rituais que restabelecem/ o estar-ser-inteiro das coisas.” (*Dual*) “Eu vos direi onde luzia a primitiva manhã da criação.” (“Deriva VII”, *Navegações*). O primeiro dia, a primitiva manhã serão ritualizados através do mito. Esse antigo “tempo irmão do universo” onde podem existir homens e deuses tão naturalmente como na Grécia tão antiga como a infância perdida do mundo. Tempo sem duração, tempo ontológico permanente, tempo eternamente repetido. No projecto poético de Sophia, desde Poesia I até aos Contos está a reconstrução do itinerário que busca o surgir do mundo que Sophia quer reencontrar, nos instantes em que se vê a si própria regressada depois de ter percorrido os labirintos do tempo. Esta busca está perdida. Tem que estar perdida se quiser perdurar como um mito e ressurgir ciclicamente. O que fica, para além da distância a cumprir nessa viagem, é aquela certeza intangível que diz que o poeta regressará ao poema como à ‘praia inicial’.

Na obra de Sophia, o regresso “à praia inicial da minha vida” (“Inicial”, *Dual*) é submetida ao modo da constituição mítica, que se encarna no machado de dois gumes, o *labyros*, de onde deriva labirinto. Não há nada que não seja duas coisas ou não tenha duas faces, o que compreende é a fusão do conceito com o seu oposto, a ambiguidade fundamental que reluz sempre no mito, no mistério, nos sacrifícios que surge como a devolução do poeta a si próprio.<sup>10</sup> No poema *Penélope*, por exemplo, o motivo do tecer e desfazer permite a Sophia refazer o caminho labiríntico percorrido durante a vida, arduamente tecido, em que a noite é encontro e o dia desencontro.

### Penélope

---

10 Coelho, Eduardo Prado, “Sophia: a lírica e a lógica” in *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 57, Set. 1980, pp. 29-30.

Desfaço durante a noite o meu caminho  
Tudo quanto teci não é verdade,  
Mas tempo, para me ocupar do tempo morto,  
E cada dia me afasto e cada noite me aproximo.

Astuciosamente, Sophia, desfaz à noite a mortalha que durante o dia carrega, permitindo-lhe ocupar o tempo morto que se instalou na sua vida, assediando-a, delapidando-a aos poucos, tal como os obstinados pretendentes de Penélope lhe fizeram. Tudo não passa de uma dissimulação estrategicamente concebida para ludibriar o quotidiano, capaz de fiar o destino ao contrário. O encontro consigo própria só poderá ser bordado em *Arte Poética II*, numa “túnica sem costura”. “Bordo toda a noite a minha vida” (“O Vento”, *Coral*). Penélope e o motivo do tear reaparecem 27 anos mais tarde (1977) no poema “Cíclades” (evocando Fernando Pessoa), escrito durante um cruzeiro no Sul do mar Egeu que segundo Eduardo Lourenço, constitui “o mais profundo retrato de Pessoa que alguma vez foi tentado.”<sup>11</sup>

Numa entrevista ao jornal *Público* (1999) Sophia refere que escreveu o poema “num barco, no tempo em que havia viagens longas... estava obcecada por Pessoa.”<sup>12</sup> Trata-se de um dois cruzeiros à Grécia, conforme Sophia afirmou em entrevista a Eduardo Prado Coelho (1988)<sup>13</sup>. Cito a última estrofe, que se reporta ao mito de Ulisses:

### **Cíclades**

(evocando Fernando Pessoa)

---

11 Lourenço, Eduardo, “Para um retrato de Sophia”, prefácio à *Antologia de Sophia de Mello Breyner Andresen*, 5ª ed., Lisboa, Moraes Editores, 1975, p.20.

12 Andresen, Sophia M. B., Entrevista de Alexandra Lucas Coelho in *Público*, 12 de junho de 1999.

13 Andresen, Sophia M. B., Entrevista de Eduardo Prado Coelho in *ICALP. Revista*, n.º6, Agosto/Dezembro 1986.

Como se o teu navio te esperasse em Thasos  
Como se Penélope  
Nos seus quartos altos  
Entre seus cabelos te fiasse

Na última estrofe desta composição, a primeira do livro *O Nome das Coisas*, a rainha de Ítaca é convocada com a missão de unir os múltiplos fios do dividido, do “viajante incessante do inverso”, evocado desde o início do poema. Esta viagem, é a de Fernando Pessoa, fragmentado, “sou um espalhamento de cacos num capacho por sacudir” e unido na errância com Ulisses, viúvo de si próprio, regressado a Ítaca por nunca daí ter partido. Num arquipélago com as suas ilhas dispostas circularmente em volta de Delos, cujo próprio nome, *Kyklades*, do adjectivo *kiklas* que significa circular, remete para a ideia de unidade que vem desde a infância.

Na poesia de Sophia, mito e temporalidade são as condições de possibilidade existenciais do mundo, do *em si* do *aí* onde Sophia desdobra o mapa do seu espaço alegórico e a passagem do tempo. A temporalidade é o nome para o horizonte onde Sophia experimenta de um modo concreto a expressão do horizonte onde se dá o modo de ser de um ser que é o seu *aí*. Estranha expressão. Isso quer dizer que a temporalidade é também o horizonte onde esse ser toma conhecimento e estabelece contacto com a morte. “E cada gesto que se alarga/tem a morte em si suspensa” (*Dia do Mar*). A nossa hipótese interpretativa é que Sophia experimenta um tempo que corresponde a uma mitologia interiorizada que atinge *tudo no seu todo* de um modo concreto. É a elucidação das formas de tempo do *aí* que configura o sentido filosófico do regresso de Sophia “Eu regressarei ao poema como à pátria à casa/Como à antiga infância que perdi por descuido/Para buscar obstinada a substância de tudo/E gritar de paixão sob mil luzes acesas.” (“Regressarei”, *O Nome das*

*Coisas)*

O regresso ao poema, como à casa, como à infância perdida por descuido, a busca obstinada da substância e o grito de paixão o tempo de infância, o tempo dividido, o tempo de viagem, o tempo antigo, puro, primordial são a forma de ser de um ente que tem na sua constituição última existência, tempo, ser no encaminhamento de ser nada, são a forma de ser do ser de Sophia nos vários tempos de sua vida e do ser como a substância que concretiza e abstrai a sua essência. O olhar da infância é desmedido, puro e cristalino. E é a pureza incólume desse olhar que Sophia quer reencontrar:

Pudesse eu reter o teu fluir, ó quarto  
Reter para sempre o teu quadrado branco  
Denso de silêncio puro e vida atenta.  
Reter o brilho de Cassiopeia em frente da janela  
Reter a queda das ondas sobre a areia  
e habitar para sempre o teu espelho.  
("As Nereides", Geografia).

A fluidez metonimicamente atribuída ao quarto, confirma-se no movimento ondulante das ondas e na fugacidade de uma imagem reflectida no espelho, para reforçar a efemeridade. Todas as aberturas que se constituem ao mundo, aos que nos estão próximos, ao espaço onde está o 1º domicílio de Sophia, a geografia da casa, luminosidade do dia, orientação, o cheiros do sítio onde nos encontramos, a praia, o mar, os ciprestes da montanha, o brilho das estrelas, esses primeiros dados intramundanos não são aferidos apenas segundo uma catalogação ou uma elencagem objectiva, mas são vistos à partida já em conformidade a uma modalidade de compreensão dessa sua presença que tem ver conosco. A análise dessa própria estruturação no seu momento estruturante, na sua forma de compreensão não é de facto dada à partida. Sophia não está a fazer ontologia, contudo ela, como nós, existimos

ontologicamente. A presença avassaladora do passado, interpela Sophia pelo seu próprio acontecer levando-a à necessidade de uma interpretação do que acontece, levando-a a ter que ver o que se passou consigo, a saber quais os lugares privilegiados de irradiação do instante. Nas obras *Poesia I* e na “Casa do Mar”, estão fixadas as condições de possibilidade do carácter factual do que vai acontecendo. A hermenêutica da vida corresponde a um desdobramento, por assim dizer, da própria factualidade do que vai acontecendo. Mas na “Casa do Mar” “existe um quarto em que o instante, de súbito, surpreende e fita e enfrenta a eternidade.” É como se a casa de praia da infância fosse a adjectivação de um modo de compreensão que concebe tudo ser em geral do ponto de vista da sua inteligibilidade. Existe uma procura de algum modo fixar as condições de possibilidade sem as quais não se dá a interpretação dos factos da vida, como factos que acontecem. Esse *aí* corresponde de algum modo à disponibilidade, à estrada branca onde o próprio ser acontece ao ponto de se apresentar como o horizonte de compreensão problemático em que a vida se processa, modificando todo e qualquer acontecimento, mesmo aquele que é irrelevante. Pode dar-se um acontecimento na nossa vida que nos converta para o ser, de tal modo que todo e qualquer acontecimento vulgar e que não seja necessariamente extraordinário passe a ser visto como sendo dispensado e constituído pelo ser. É nesse caso que a compreensão ontológica-existencial passa a modificar a mera dimensão dos factos da vida, da infância, a partir dessa modificação, dessa presença do *aí* em que somos e que se converte em tempo mortal.

É o horizonte temporal que está em causa no primeiro poema da “Homenagem a Ricardo Reis” que surge no livro *Dual* (1972). Sophia dialoga com Fernando Pessoa sob a forma de sete odes à maneira pseudo-horaciana de Ricardo Reis, onde uma tendência filosófica faz do poema um veículo de reflexão ontológica, à maneira dos Pré-Socráticos:

(...) Mais tarde será tarde e já é tarde.

O tempo apaga tudo menos esse

Longo indelével rasto

Que o não-vivido deixa.

Não creias na demora em que te medes.

Jamais se detém Kronos cujo passo

Vai sempre mais à frente

Do que o teu próprio passo.

Se nos três primeiros livros de poesia – *Poesia I* (1944), *Dia do Mar* (1947) e *Coral* (1950) – Sophia se vira para um tempo vivido, através de uma compreensão da cadência de infância que unifica um tempo de aliança com o mundo, o tempo em que os dias se extasiavam diante de si próprios, a partir de *No Tempo Dividido* (1954), e sobretudo no *Livro Sexto* (1962), ergue-se um tempo fragmentado que é a imagem de um momento histórico em que a liberdade é posta em causa por um regime político opressor. A atitude de Sophia é a de poeta comprometida com o seu tempo. Para ela “o poema não explica, implica.” No discurso proferido a 11 de Julho de 1964, por ocasião da entrega do Grande Prémio de Poesia Portuguesa de Escritores a *Livro Sexto*, Sophia defende a intervenção activa do poeta perante o “espantoso sofrimento do mundo”, porque aquele que tem a capacidade de se deslumbrar perante o “espantoso esplendor do mundo”, tem que se revoltar contra o espantoso sofrimento do mundo. “Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno”.<sup>14</sup> Este foi o texto de combate que Sophia escolheu como introdutório a toda a sua obra tendo feito figurar como *incipit* aos três volumes da edição completa

---

14 Andresen, Sophia M. B., Palavras ditas em 11 de Julho de 1964 no almoço promovido pela Sociedade Portuguesa de Escritores por ocasião da entrega do Grande Prémio de Poesia atribuído a *Livro Sexto* in Sophia, *Obra Poética*, edição definitiva, ‘Livro Sexto’, Lisboa, Caminho, 2003, p. 73.

da arte poética (1990). A voz de Sophia remete para a ligação semântica entre  $\eta\alpha$ , visão, e  $\eta\alpha\mu\alpha$ , espanto, admiração, emaravilhamento na gênese da atitude filosófica. Platão e Aristóteles, dizem que é no espanto que se encontra a origem da filosofia. “ $\delta\iota\grave{\alpha}$   $\gamma\grave{\alpha}\rho$   $\tau\omicron$   $\tau\eta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\epsilon\iota\upsilon\eta$   $\eta\omicron\iota$   $\acute{\alpha}\nu\theta\rho\omicron\pi\omicron\iota$   $\kappa\alpha\iota$   $\nu\upsilon\eta$   $\kappa\alpha\iota$   $\pi\rho\acute{\omicron}\tau\omicron\eta$   $\acute{\epsilon}\rho\epsilon\sigma\alpha\eta\tau\omicron$   $\phi\iota\lambda\omicron\sigma\phi\eta\iota\eta$ .”<sup>15</sup> [É através do espanto, que os homens, agora e antes, começaram em tensão para o saber]. A tomada de consciência do espantoso sofrimento do mundo resulta da perplexidade de Sophia ante o carácter nostálgico e extático de um tempo suspenso e a crueldade de um país onde a censura ameaça a palavra e deslça toda a possibilidade de encantamento com o real. Em Carta a Jorge de Sena, Sophia escreve:

Creio que o grande mal português será que sempre deixamos os gregos em paz. Por isso somos um país que não se reconhece. Um país que julga que a austera, apagada e vil tristeza é a condição do homem. Fomos um país de grandes navegadores mas nunca tivemos em frente do mundo aquele sorriso de espanto que tinham as estátuas dos navegadores jónicos.<sup>16</sup>

A falta mítica primordial inerente à condição humana concretiza-se na alienação e no exílio a que o homem é desterrado num mundo absurdo de que se sente refém. Construído como uma fuga musical a três vozes, o poema “Cantar” no *Livro Sexto*, repete o tema do exílio, da solidão e do medo: “A água de exílio/É brilhante e fria/país ocupado/onde o medo impera/naquela cida-

---

15 Aristóteles, “Metaphysics” in *Aristotle*. Aristotle in 23 Volumes, Vols.17, 18, translated by Hugh Tredennick. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1933, 1989. Meta A, 982 b. Vide ainda Platão, “Teeteto” in *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. 155d,  $\mu\acute{\alpha}\lambda\alpha$   $\gamma\grave{\alpha}\rho$   $\phi\iota\lambda\omicron\sigma\phi\omicron\upsilon\phi\omicron\upsilon$   $\tau\omicron\upsilon\tau\omicron$   $\tau\omicron$   $\pi\acute{\alpha}\theta\omicron\varsigma$ ,  $\tau\omicron$   $\theta\alpha\upsilon\mu\acute{\alpha}\zeta\epsilon\iota\upsilon\eta$ :  $\omicron\upsilon$   $\gamma\grave{\alpha}\rho$   $\acute{\alpha}\lambda\lambda\eta$   $\acute{\alpha}\rho\chi\eta$   $\phi\iota\lambda\omicron\sigma\phi\omicron\upsilon\phi\omicron\upsilon$   $\eta$   $\acute{\alpha}\upsilon\tau\eta$  (Pois este sentimento de emaravilhamento mostra que és um filósofo, porque o emaravilhamento é a única origem da filosofia).

16 Andresen, Sophia M. B., Sena, Jorge de, *Correspondência 1959-1978*, Lisboa, Guerra & Paz, 2ª edição (com três cartas inéditas), Carta de 18 de Novembro de 1969, p. 105.

de/tão poucos os homens.” Na mesma linha, em entrevista dada ao *Jornal de Letras* (1982):

Vivemos sempre rente à deriva e a destruição corre atrás de nós. [...] Ficaremos sempre a meio caminho mas será sempre melhor estar mais à frente. Penso sobretudo que a sociedade em que vivemos é própria de um mundo que está a acabar. Há um desastre cultural em todo o Ocidente e em Portugal esse desastre cultural conjuga-se com o caso ‘mental’ português. Ambos se somam e se agravam um ao outro...<sup>17</sup>

A meditação ontológica alastra à angústia de um tempo dividido, de uma pátria ocupada, de uma cidade exilada. O homem vive longe de tudo a que a sua alma fora prometida. “Tempo/Tempo sem amor e sem demora/que de mim me despe pelos caminhos fora.” (“Tempo”, *Livro Sexto*). Tempo reforçado pela meditação ontológica sugerida na repetição, em grafia grega, da palavra *homens* e pelo sopro épico final de um passado que regressa sempre.

Esta viagem mítica inicia-se em *Mar Novo* (1958) continuando em *Geografia* (1967) e culminando em *Navegações* (1984) onde a partir deste último poema a viagem física é duplicada, por assim dizer, por uma viagem ontológica. No discurso proferido, precisamente, em 1984, na entrega do Prémio do Centro Português da Associação de Críticos Literários, a propósito do tema “Navegações”, Sophia enuncia o principal tema filosófico que articula toda o seu empreendimento poético:

Para mim o tema das *Navegações* não é apenas o feito e gesta, mas fundamentalmente o olhar, aquilo a que os gregos chamavam *aletheia*, a desocultação, o descobrimento. Aquele olhar que às vezes está pintado à proa

---

17 Andresen, Sophia M. B., Entrevista de Maria Armanda Passos e três poemas inéditos in *Jornal de Letras*, 16 de fevereiro de 1982.

dos barcos.<sup>18</sup>

O tema das navegações é a *alétheia* subtração ao escondimento. Este discurso faz agulha do eixo filosófico que configura o itinerário para o mito e o sentido ontológico da viagem de Sophia à Grécia. No poema “Homens à beira mar”, publicado no seu primeiro livro, Poesia, em 1944, e considerado pelo marido, Francisco Sousa Tavares, “o mais belo poema de Sophia”, a exaltação do ser aparece pela primeira vez ligada ao eixo temático épico das viagens dos descobrimentos.

O poema “Navegação” concentra numa estrofe o destino mítico da viagem dos descobridores do mundo:

distância derivada  
aparição do mundo: a terra escorre  
pelos olhos que a veem revelada.  
E atrás um outro longe imenso morre.

Esta distância que faz *aparecer* o mundo traz ecos de Pessoa em “Prece”: “E outra vez conquistemos a distância/Do mar ou outra, mas que seja nossa!” A imagem da aparição do mundo em que a terra escorre/pelos olhos que a veem revelada lembra as imagens da terra dos dois poemas que Pessoa dedica ao infante

D. Henrique na Mensagem: “Tem aos pés o mar novo e as mortas eras/o único imperador que tem, deveras, o globo mundo em sua mão.” Lembra também esse “grande cais anterior, eterno e divino” que Álvaro de Campos procura, cais que lhe devolveria inteiro o seu Eu estilhaçado. Atira-nos para o mergulho de Rimbaud no Bateau Îvre” ou nos “archipels sidéreaux” dissol-

---

18 Andresen, Sophia M. B., Discurso proferido na entrega do Prémio do Centro Português da Associação de Críticos Literários, em 1984, “Navegações” in Sophia, *Obra Poética*, edição definitiva, ‘Livro Sexto’, Lisboa, Caminho, 2004, p. 42

vendo-o num delírio comparável à exponenciação dionisíaca de Baudelaire em “Le Voyage”, “L’inconnu” ou Pessoa/Campos na “Ode Marítima”. “Em Hydra, evocando Fernando Pessoa” (Dual) Sophia murmura o seu ambíguo nome, o seu nome de máscara, Odysseus/Ulisses/Persona, que se confundem com o herói homérico. N’A *Mensagem*, Pessoa diz: “O mito é o nada que é tudo./ Este que por aqui aportou/ foi por não ser existindo/sem existir nos bastou.”<sup>19</sup> Também Odysseus cuja raiz grega é *udeis*, ninguém, mitifica aquele que viajou dentro de si à exaustão sem ter encontrado porto seguro. Nada, nenhures, ninguém. Eis as características da errância de Sophia que funde Pessoa ao supremo viajante grego para percorrer os inúmeros eus em que a sua vazia presença se divide, levado ao paroxismo nas múltiplas navegações de Sophia (Poema “Cíclades”).

Sophia articula a sua leitura e interpretação dos mitos gregos a partir da compreensão de um olhar do ser como descoberta que os gregos chamam: *aléthea* na sua multiplicidade de expressões. Este é “O olhar que busca o aparecer do mundo, o surgir do mundo, o emergir do visível e da visão.” (Ilhas) Os temas nucleares da poesia de Sophia: a terra, o mar, o dia, a noite, a morte correspondem a modos de desocultação do real. Este sentido apocalíptico das proporções, o calafrio da tragédia de caminhar sem Deus em tempos de opressão, o ponto arquimédico dos elementos são a estrada branca que o anjo da história prepara e espraia nos grande mitos de Apolo, Dioniso, Orfeu e Eurídice. Sophia ressuscita qualquer coisa de perdido na poesia. O amor, a vida, os homens, as casas o próprio mar, e até a noite florescem, passam, deixam de ser momentos. Nada pode absorver a verdade de uma alma. Tudo fica distante à sua ânsia, menos o infinito pressentido. A salvação possível.

Nada trazem consigo. As imagens

Que encontram, vão-se delas despedindo.

---

19 Pessoa, Fernando, *Mensagem*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997.

Nada trazem consigo, pois partiram  
Sós e nus, desde sempre, e os seus caminhos  
Levam só ao espaço como o vento.

Embalados no próprio movimento,  
Como se andar calasse algum tormento,  
O seu olhar fixou-se para sempre  
Na aparição sem fim dos horizontes.

Como o animal que sente ao longe as fontes,  
Tudo neles se cala pra escutar  
O coração crescente da distância  
E longínqua lhes é a própria ânsia.

É-lhes longínquo o sol quando os consome  
É-lhes longínqua a noite e a sua fome,  
É-lhes longínquo o próprio corpo e o traço  
Que deixam pela areia, passo a passo.

Porque o calor do sol não os consome,  
Porque o frio da noite não os gela,  
E nem sequer lhes dói a própria fome,  
É-lhes estranho até o próprio rastro.

Nenhum jardim, nenhum olhar os prende.  
Intactos nas paisagens onde chegam  
Só encontram o longe que se afasta,  
O apelo do silêncio que os arrasta,  
As aves estrangeiras que os trespassam,

E o seu corpo é só um nó de frio  
Em busca de mais mar e mais vazio.  
("Homens à Beira-Mar" in *Poesia*, 1944)

## Referências

- ANDRESEN, Sophia M. B., *Obra Poética*, edição definitiva, Lisboa Caminho, 1992.
- ANDRESEN, Sophia M. B., SENA, Jorge de, *Correspondência 1959-1978*, Lisboa, Guerra & Paz, 2ª edição (com três cartas inéditas), 2006.
- ARISTÓTELES, "Metaphysics" in *Aristotle*. Aristotle in 23 Volumes, Vols.17, 18, translated by Hugh Tredennick. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1933, 1989.
- CANTINHO, Maria João, 'A Sophia: Homenagem de vários escritores a Sophia de Mello Breyner Andresen organizada pelo PEN clube Português', Lisboa, Caminho, 2007, p. 79.
- COELHO, Eduardo Prado, "Sophia: a lírica e a lógica" in *Colóquio/Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, nº 57, 1980.
- FERREIRA, David Mourão, "Sophia de Mello Breyner Andresen-Na publicação de No Tempo Dividido" in *Vinte Poetas Contemporâneos*, Lisboa, Ática, 1960.
- LLANSOL, Maria Gabriela, *Onde Vais, Drama-Poesia?*, Lisboa, Relógio d'Água, 2000. TABUCCHI, António, "Na Grécia com Sophia" in *Sophia de Mello Breyner Andresen-Actas do Colóquio Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian, 28 de Janeiro 2011, Porto, Porto Editora, 2014.

LOURENÇO, Frederico, “A Grécia de Sophia” in *Valsas Nobres e Sentimentais*, Lisboa, Cotovia, 2007.

LOURENÇO, Eduardo, “Para um retrato de Sophia”, prefácio à *Antologia de Sophia* de Mello Breyner Andresen, 5ª ed., Lisboa, Moraes Editores, 1975.

PESSOA, Fernando, *Mensagem*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997

PLATÃO, “Teeteto” in *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903.